

Tebet se elege por pequena margem

Candidato único, peemedebista enfrentou resistência do PFL e oposição e garantiu presidência do Senado por três votos

Brasília - Fernando Bizerra Jr.

HELAYNE BOAVENTURA E
SONIA CARNEIRO

BRASÍLIA - Quando foi anunciado o resultado da eleição que o tornou o novo presidente do Congresso, o senador Ramez Tebet (PMDB-MS) respirou fundo e fez o sinal da cruz. Não foi à toa. Candidato único, Tebet quase perdeu para si mesmo. Obteve 41 votos, a conta exata para ter a maioria absoluta dos 81 senadores. A oposição a Tebet, liderada pelo PFL, quase consegue uma nova eleição: 34 senadores mostraram sua insatisfação com o nome peemedebista e votaram branco ou nulo. Seis parlamentares faltaram à sessão. A eleição é por maioria simples. Portanto, ele precisava de 38 votos (dos 75 presentes) para garantir a vaga.

Escolhido à última hora, Tebet teve um desempenho quase constrangedor nas urnas. Em fevereiro, disputando contra dois outros candidatos, Jader Barbalho obteve os mesmos 41 votos. Tebet se fez de desentendido com a oposição a seu nome. "Aqueles que votaram em branco talvez quisessem simbolizar que é o momento de paz", concluiu.

O Diário Oficial de ontem trouxe a exoneração de Tebet do Ministério da Integração Nacional, feita às pressas para que ele pudesse disputar a presidência do Senado. E o ex-ministro contou com o apoio de última hora do Palácio do Planalto. Pela manhã, o presidente Fernando Henrique recebeu o governador de Santa Catarina, Esperidião Amin (PPB) e o senador Jorge Bornhausen (PFL-SC). Pediu apoio a Tebet e prometeu liberar R\$ 40 milhões em verbas federais para Santa Catarina. Garantiu dois votos do PPB e cinco do PFL. O presidente telefonou aos líderes governistas no Senado, para pedir apoio a Tebet.

Tebet não planejava chegar ao posto. Ele é o reserva da ala governista do PMDB, escolhido quando outros nomes se tornam inviáveis. Assim, por exclusão, tornou-se ministro e, depois e, agora, presidente do Senado.

Acusado de provinciano, Tebet não esqueceu as origens no discurso de posse. A cidade do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, foi lembrada repetidas vezes. O pronunciamento seguiu um tom patriótico. "Esta é uma pátria maravilhosa, que não tem vulcões ou terremotos. É mais do que hora de trocarmos a intolerância pela harmonia, de trocarmos as disputas pessoais pelo entendimento, pela solidariedade e pela fraternidade", apelou. Católico, pediu apoio divino, ao recitar as primeiras palavras da oração do Pai Nosso.

O PFL tentou de tudo para impedir que Tebet chegasse no posto mais alto e cobiçado do Senado. Ainda na madrugada de ontem, o líder pefelista no Senado, Hugo Napoleão (PI), telefonou ao senador José Fogaça (PMDB-RS), que disputou contra o ex-ministro na bancada, para sondar sua intenção de disputar no plenário. Os pefelistas tentaram lançar a candidatura de senadores da oposição e só desistiram da candidatura própria com a pressão feita pelo Palácio do Planalto. Com o pedido do presidente Fernando Henrique, o partido liberou os senadores para votar livremente. Eleito Tebet, os senadores do PFL se retiraram do plenário antes do discurso.

Tebet é um aliado leal e amigo pessoal de Jader Barbalho. O PFL suspeita que ele possa usar o cargo para ajudar o companheiro de partido. A ex-mulher de Jader, a deputada Elcione Barbalho (PMDB-PA), simbolizou a ligação entre os dois. Fez questão de estar no plenário durante a eleição, para cumprimentar o novo presidente.

O bloco de oposição também bateu o martelo contra Tebet. Somente o PPS saiu dividido. O presidente da legenda, senador Roberto Freire (PE), irritou o líder do partido, Paulo Hartung (ES), ao protagonizar uma cena de insubordinação. "Esta é uma disputa insensata que o governo Fernando Henrique não teve o poder de deter e eu não vou tomar parte dela", afirmou Freire, antes de declarar seu voto em Tebet.



Ramez Tebet, após seu voto, passa por Renan Calheiros, Jader Barbalho e José Sarney da bancada peemedebista que garantiu sua eleição para a presidência